

REVISANDO O SIGNIFICADO DE DESINFORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES DISPONÍVEIS NA BRAPCI¹

A REASSESSMENT OF THE CONCEPT OF DISINFORMATION IN INFORMATION SCIENCE: AN ANALYSIS OF PUBLICATIONS INDEXED IN BRAPCI

Anna Cristina Brisola²
Frederico Ramos Oliveira³
Janinne Barcelos de Moraes Silva⁴
Milton Shintaku⁵

Resumo: Objetiva compreender como a desinformação é conceituada em pesquisas da Ciência da Informação. Para tanto, fez-se a coleta de publicações disponíveis na Brapci, considerando o termo de busca “desinformação” no título, no resumo e nas palavras-chave, sem restrição temporal ou de tipo de documento. Após a limpeza, o corpus foi composto por 335 documentos, analisados por ferramentas automatizadas. Amostra de publicações mais citadas (29 documentos) foi analisada integralmente com leitura, a fim de se identificar os conceitos apresentados, vinculando-os a cinco dimensões distintas: epistemológica; contextual; operacional; centrado nos efeitos; e moral. A análise demonstrou a existência de clusters temáticos, assim como permitiu identificar os principais autores e palavras-chave utilizadas. Verificou-se que a maioria das publicações apresenta conceitos operacionais ou técnicos de desinformação, seguidos por definições centradas nos efeitos e na intencionalidade, enquanto abordagens epistemológicas e morais são menos frequentes. Há parca discussão sobre a influência das plataformas no contexto da desinformação. A análise também revelou ausência de consenso conceitual. Os resultados apontam que a compreensão do conceito de desinformação está ligada ao contexto social, político,

¹ O artigo apresenta uma versão ampliada do trabalho submetido, avaliado e aprovado no XXIV ENANCIB - 2024. O texto foi apresentado no GT 5 - Política e Economia da Informação, tendo sido premiado como Melhor Trabalho Completo do GT 5 naquela edição.

² Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT). E-mail: anna.brisola@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4349-128X>

³ Pesquisador no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). E-mail: frederico@ibict.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5653-5715>

⁴ Pesquisadora e analista de comunicação no Instituto Brasileiro de Informação para a Ciência e Tecnologia (IBICT). E-mail: janinnesilva@ibict.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1033-9414>

⁵ Tecnólogo no Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT), coordenador de Tecnologias para Informação (Cotec). E-mail: shintaku@ibict.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6476-4953>

econômico e tecnológico e que sua definição tem implicações diretas na formulação de estratégias para seu enfrentamento.

Palavras-Chave: Desinformação. Ciência da Informação. Disinformation. Misinformation. Malinformation.

Abstract: *Understanding how disinformation is conceptualized within the field of Information Science is essential for advancing theoretical and practical approaches to the phenomenon. To explore this, publications available in the Brapci database were retrieved using the search term “disinformation” in titles, abstracts, and keywords, with no restrictions on publication date or document type. Following data cleaning, the final corpus comprised 335 documents, which were analyzed using automated tools. A manually selected sample of the most cited texts (29 documents) was examined to identify conceptual definitions, classified into five distinct dimensions: epistemological, contextual, operational, effect-centered, and moral. The analysis revealed the formation of thematic clusters, the identification of leading authors, and the most frequently used keywords. Operational and technical definitions of disinformation were predominant, followed by approaches emphasizing effects and intentionality, while epistemological and moral perspectives appeared less frequently. Limited attention was given to the role of digital platforms in the disinformation context. The findings highlight a lack of conceptual consensus and suggest that the understanding of disinformation is deeply intertwined with social, political, economic, and technological contexts, shaping how strategies to combat it are formulated.*

Keywords: *Disinformation. Information Science. Misinformation. Malinformation.*

1 INTRODUÇÃO

A desinformação tem sido percebida como um grave problema para a democracia e para a sociedade. Iniciativas públicas e privadas buscam combatê-la, seja por meio da checagem de conteúdos, da alfabetização midiática e informational (AMI) ou desenvolvimento de ferramentas de verificação automatizadas. No âmbito do Governo Federal, são produzidos relatórios que fundamentam denúncias, assim como a criação de laboratórios e recursos para identificação de conteúdos falsos e leis que regulamentem as plataformas. Por sua vez, órgãos e conselhos têm discutido a desinformação, propondo políticas públicas e iniciativas para seu combate.

Tais ações, contudo, demandam clareza na compreensão do conceito de desinformação, seus contextos e ações. No entanto, mesmo na pesquisa científica há uma tendência de considerar conceitos amplos, que permitam a sua mensuração empírica (Miró-Llinares; Aguerri, 2021), porém contribuindo menos com ações precisas. A presente pesquisa teve início dez anos após a publicação de “Em busca do significado da desinformação”, de Pinheiro e Brito (2014), e vinte e quatro anos depois de “Ambivalências da sociedade da informação”, de Demo (2000), que buscaram compreender tal fenômeno.

Este artigo busca a conceituação de desinformação em publicações da Ciência da Informação disponíveis na Brapci. Entende-se que tal levantamento oferece insumos para o desenvolvimento de políticas públicas efetivas para o combate aos conteúdos falsos e a garantia da integridade da informação. Também permite atualizar o “significado” da desinformação, buscado por Demo (2000) e Pinheiro e Brito (2014).

2 DESINFORMAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

“Acreditamos que não é apropriado estudar um fenômeno social como um objeto natural, sem uma conceitualização prévia, especialmente quando se busca analisar suas consequências e apontar, a partir dessa pesquisa, soluções relacionadas ao controle”, ressaltam Miró-Llinares e Aguerri (2021, p. 13, tradução nossa⁶). Embora não exista consenso sobre a dimensão de seus efeitos (Alcoot; Gentzkow, 2017, Jang; Kim, 2018, Budak et al., 2024), sabe-se que a desinformação possui efeitos materiais (Burrell, 2012), pode piorar situações de

⁶ We do not believe it is appropriate to study a social phenomenon merely as a given natural object that has not previously been configured by any type of conceptualization, especially if the intention is to analyse the consequences of this object and to derive from this research responses that are related to control, normative regulation or criminalization (MIRÓ-LLINARES; AGUERRI, 2021, p. 13)

calamidade pública, como a Covid-19 (Cesarino, 2022) e tem ameaçado democracias.

Pode ter impactos cognitivos, como a criação de memórias falsas (Murphy et al., 2019), promove polarização política, gera desconfiança em relação às instituições, assim como afeta emocionalmente quem a consome (Alcoot; Gentzkow, 2017, Tandoc; Lim; Ling, 2017, Bucci, 2019, Santaella, 2021). Ademais, é comum que as pessoas acreditem que os conteúdos falsos só teriam efeitos em terceiros: quanto mais distante emocionalmente, maior a percepção dos efeitos da desinformação. Assim, alguém acredita que sua família estaria livre dos efeitos da desinformação, mas não os brasileiros em geral (Jang; Kim, 2018, Lemos; Oliveira, 2020).

Diversas classificações buscam distinguir os tipos de desinformação (Tandoc; Lim; Ling, 2017, Santaella, 2018, 2021, Wardle, 2018, Zanettou et al., 2019, Wang et al., 2019, Rahmanian, 2022). Um mapa conceitual da desinformação é apresentado por Brisola (2021), que destaca que essa é composta por informação fora do contexto, manipulada, tendenciosa e não necessariamente falsa, mas pode envolver distorção ou partes da verdade. Na literatura, a desinformação é considerada uma ameaça, mas não há consenso sobre as ações para combatê-la (Alkhateri et al., 2021). Ações de fact-checking e AMI teriam resultados significativos, mas ampliariam o ceticismo (Hoes et al., 2024). A moderação exercida pelas plataformas é controversa (Gillespie, 2012), por obedecer a uma linha editorial específica. Como argumentam Lee e Wei (2022, p. 171, tradução nossa⁷): “quando um sistema utiliza bastante ferramentas de exclusão e controle para lidar com comentários inapropriados, pode haver um conflito entre a segurança dos usuários e seu direito a conhecer”.

⁷ When a service overuses deleting or controlling tools for dealing with inappropriate comments, there can be a conflict between safety and users' right to know (LEE; WEI, 2022, p. 171)

A literatura científica aponta ainda que a desinformação é mais bem distribuída nas plataformas de redes sociais (Vosogui; Roy; Aral, 2018). Além disso, as plataformas participam da produção, da distribuição, do consumo e da refutação de conteúdos falsos (Lemos; Oliveira, 2021). Sua interface e algoritmos definem a) tipos e formatos específicos de desinformação; b) estratégias para ampliar a disseminação de conteúdos falsos; c) o público que vai consumir tais conteúdos; d) as estratégias de financiamento da desinformação; e) a credibilidade do conteúdo depende da plataforma em que está inserida, como demonstram as técnicas de SEO; e f) as condições de checagem e da seleção noticiosa de agências de checagem, seja por meio de convênios ou pela oferta de ferramentas usadas por jornalistas (Oliveira, 2023). Além disso a desinformação e o dissenso são lucrativos nas redes sociais.

A ausência de consenso sobre o que é desinformação, seus efeitos e como combatê-la implica em uma série de estratégias e políticas públicas distintas para dirimi-la. No âmbito da regulação, as propostas legislativas enfocam a identificação do usuário, a punição civil e penal, a inserção de disciplinas de AMI no ambiente escolar, a responsabilização dos provedores e plataformas, dentre outras estratégias. Na Justiça, destacam-se os inquéritos conduzidos pelo Supremo Tribunal Federal, que buscam identificar grandes desinformadores (Oliveira, 2023). Tratam-se, contudo, de propostas que não têm muitos frutos, haja visto que pouco se conhece sobre o conceito de desinformação.

Para o efetivo desenvolvimento de políticas públicas e ações para o combate à desinformação, torna-se importante compreender não somente seus mecanismos e efeitos, mas como ela interage e é produzida pelas plataformas. Nos autos do Inquérito 4828/DF, há uma determinação para que o Twitter restrinisse contas vinculadas a determinados CPFs. A plataforma respondeu

afirmando que não coleta tal documento na criação de contas (BRASIL. Supremo Tribunal Federal, 2020). O caso supracitado, no qual a falta de compreensão do funcionamento dos sistemas prejudicou o efetivo cumprimento da decisão, ilustra a importância do debate epistemológico sobre a desinformação e seus aspectos operacionais, teleológicos, contextuais, éticos, bem como seus efeitos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa objetiva compreender como a desinformação é conceituada em publicações da Ciência da Informação. Trata-se de uma pesquisa básica, exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. A partir de uma busca pelo termo “desinformação” na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) em todos os tipos de documentos, considerando ocorrências no título, nas palavras-chave e nos resumos, e sem recorte temporal. Foram recuperados 349 documentos, dos quais foram retiradas manualmente 14 duplicatas. Desse modo, o corpus final foi composto por 335 documentos.

Os artigos foram listados em uma planilha .csv, para análise automatizada com o apoio de ferramentas como o Cortex e Orange. No Cortex, fez-se um grafo da relação entre os autores e as palavras-chave mais utilizadas. Por sua vez, o Orange permitiu identificar a similaridade entre os artigos, a partir da análise de seus resumos e de palavras-chave por meio de escalonamento multidimensional (MDS).

Posteriormente, em 20 de junho de 2024, fez-se a coleta manual do número de citações de cada artigo, com base no Google Acadêmico (Tabela 1). A partir desse levantamento, foi definida uma amostra composta pelas publicações com mais de 20 citações (29 documentos, apresentados na Tabela 2).

Tabela 1 – Número de citações dos documentos segundo o Google Acadêmico

Número de citações	Quantidade de documentos
Documentos com nenhuma citação.	143
Documentos com 1 a 4 citações.	97
Documentos com 5 a 9 citações.	21
Documentos com 10 a 14 citações.	18
Documentos com 15 a 19 citações.	8
Documentos com mais de 20 citações.	29
Documentos dos quais não foi possível recuperar o número de citações	19
Total	335

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Tabela 2 – Documentos mais citados

Autoria	Título	Citações
Pedro Demo	Ambivalências da sociedade da informação	212
Anna Cristina Brisola; Arthur Coelho Bezerra	Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação (2018)	107
Paula Falcão; Aline Batista de Souza	Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil (2021)	89
Cláudio Maierovitch Pessanha Henriques	A dupla epidemia: febre amarela e desinformação (2018)	72
Leonardo Ripoll; José Claudio Morelli Matos	Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional (2017)	68
Marianna Zattar	Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação (2017)	65
Thaiane Moreira de Oliveira	Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia (2020)	62
Marta Macedo Kerr Pinheiro; Vladimir de Paula Brito	Em busca do significado da desinformação (2014)	59
Clovis R. M. de Lima; Nancy Sánchez-Tarragó; Danielle Moraes; Luciana Grings; Mariangela R. Maia	Emergência de saúde pública global por pandemia de Covid-19 (2020)	56
Anna Cristina Brisola; Nathália Lima Romeiro	A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade (2018)	48
Ronaldo Ferreira de Araújo; Thaiane Moreira de Oliveira	Desinformação e mensagens sobre a hidroxicloroquina no Twitter: da pressão política à disputa científica (2020)	46
Luiz Ademir de Oliveira; Carla Montuori Fernandes; Mariane Motta de Campos; Mayra Regina Coimbra.	A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram (2020)	40
João Rodrigo Santos Ferreira; Paulo Ricardo da Silva Lima; Edivanio Duarte de Souza	Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19 (2021)	40
Felipe Bonow Soares; Raquel Recuero; Taiane Volcan; Giane Fagundes; Giéle Sodré	Desinformação sobre o Covid-19 no WhatsApp: a pandemia enquadrada como debate político (2021)	39

Autoria	Título	Citações
Luisa Medeiros Massarani; Tatiane Leal; Igor Waltz; Amanda Medeiros	Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19 (2021)	34
Vladimir de P. Brito; Marta M. Kerr Pinheiro	Poder informational e desinformação (2015)	31
Marianna Zattar	Competência em Informação e Desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19 (2020)	31
Mariana Freitas Canielo de Carvalho; Cristielle Andrade Mateus	Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de ciência da informação (2018)	30
Arthur Coelho Bezerra; Rafael Capurro; Marco Schneider	Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital (2017)	29
Carlos Alberto Ávila Araújo	Novos desafios epistemológicos para a ciência da informação (2021)	27
Bruna Heller; Greison Jacobi; Jussara Borges de Lima	Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação (2020)	27
Afonso Albuquerque	As fake news e o ministério da verdade corporativa (2021)	27
Larissa Domingues Moreira	Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e após a pandemia de Covid-19 (2021)	26
Sara Mendonça Poubel de Oliveira	Disseminação da informação na era das fake News (2018)	26
Carla Montuori Fernandes; Christina Montuori	A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho' (2020)	25
Fabiana Sala; Fernando C. Lopes; Gisele A. R. Sanches; Tânia Regina de Brito	Bibliotecas universitárias em um cenário de crise (2020)	24
Juliana Fachin; Nelma Camêlo Araujo; Juliana Carvalho de Sousa	Credibilidade de informações em tempos de COVID-19 (2020)	22
Richele Grenge Vignoli; Rodrigo Rabello; Carlos Cândido de Almeida	Informação, Misinformação, Desinformação e movimentos antivacina: materialidade de enunciados em regimes de informação (2021)	21
Ana Roberta Pinheiro Moura; Renata Lira Furtado; Regina Célia Baptista Belluzzo	Desinformação e competência em informação: discussões e possibilidades na Arquivologia (2018)	20

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Foi realizada análise de conteúdo dessa amostra dos documentos mais citados, com o objetivo de identificar o conceito de desinformação apresentado nos textos. O livro de códigos foi desenvolvido a partir do mapa conceitual elaborado por Brisola (2021), classificando definições de desinformação em a) epistemológico: pretende explicar o conceito em si apoiando teoricamente a desinformação ou o combate a esta; b) contextual: conceito considera e se apoia no contexto que envolve a desinformação; c) proposital/teleológica: conceito se

fundamenta nos propósitos, nos objetivos da desinformação ou de seu combate; d) operacional/técnico: quando o conceito se apoia nos mecanismos pelos quais a desinformação opera; e) centrado nos efeitos: destaca os supostos efeitos da desinformação e os amplia; f) moral/ético: quando o conceito ou explicação enfoca a explicação da desinformação por um viés moralizante.

A análise de conteúdo foi realizada por três codificadores, que leram todos os documentos. Cada excerto dos textos que apresentava um conceito ou explicação do que é a desinformação foi codificado de acordo com os critérios apontados anteriormente. Posteriormente, as codificações foram comparadas entre si e, em casos em que não havia consenso, os pesquisadores reuniram-se e definiram qual classificação seria considerada. Por fim, aponta indicar que alguns dos excertos foram considerados em mais de uma categoria.

Dentre as limitações desta pesquisa, aponta-se: a) embora a coleta das publicações tenha sido realizada na Brapci, não é possível apontar afiliação entre todos os documentos e a Ciência da Informação; b) a amostra é pensada pelo número de citações, o que pode gerar vieses relacionados a colégios invisíveis ou tendências de pesquisa; c) a análise de conteúdo dos conceitos, desenvolvida a partir de um livro de códigos pré-definido, pode impedir que outras classificações sejam percebidas. Observa-se, contudo, que a estratégia adotada permite identificar publicações mais relevantes no âmbito da CI, assim como permite compreender como o conceito de desinformação é discutido nos documentos analisados, abrindo espaço para novas e mais amplas classificações.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Dentre os documentos que compõem o corpus (335), é possível observar clusters temáticos e de autores. Há, por exemplo, o grupo de publicações sobre

desinformação e saúde (infodemia, Covid-19, movimentos antivacina, dentre outros), sobre AMI, sobre desinformação como operações informacionais (deception, operações psicológicas, dentre outros), assim como o papel das bibliotecas no contexto de desordem informacional. Há, ainda, um grupo significativo de publicações sobre competência em informação (Coinfo) e competência crítica em informação (CCI). Destaca-se, contudo, o reduzido número de publicações que discute a relação entre as interfaces, algoritmos e políticas de dados das plataformas e a desinformação.

Para verificar a similaridade dos documentos, o corpus de 335 artigos foi analisado por meio do escalonamento multidimensional (MDS), uma técnica estatística de visualização que organiza elementos em um espaço bidimensional de modo que a distância entre eles reflete seu grau de similaridade: quanto mais próximos no gráfico, mais semelhantes são em termos de conteúdo. A análise foi conduzida com base nos resumos e, posteriormente, nas palavras-chave dos documentos.

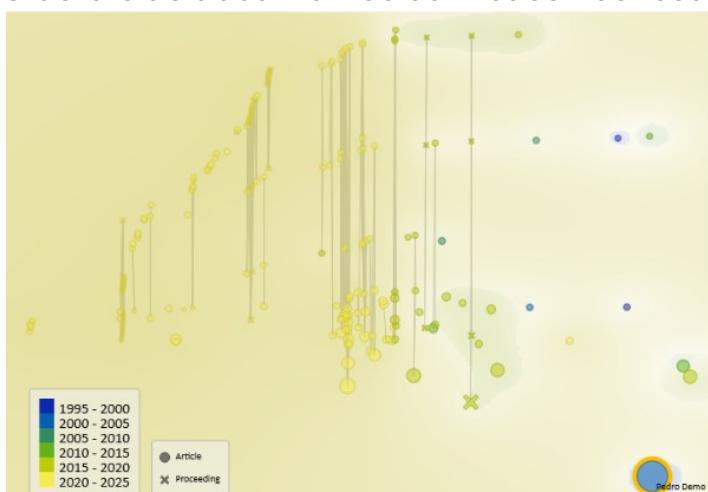
Na visualização gerada a partir dos resumos (Figura 1, A), cada ponto representa um documento, sendo os círculos correspondentes a artigos científicos e os símbolos em “X” a trabalhos apresentados em eventos (anais de eventos). O tamanho dos pontos é proporcional ao número de citações recebidas, enquanto as cores indicam o período de publicação, variando de azul (1995–2000) a amarelo (2020–2025). Os resultados evidenciam proximidade entre textos publicados em períodos semelhantes, indicando uma possível evolução temática ao longo do tempo. Destaca-se, contudo, artigo publicado por Pedro Demo em 2000, que, apesar de apresentar o maior número de citações, encontra-se distante semanticamente das demais publicações. Esse distanciamento pode ser

explicado não somente pela distinção conceitual do texto, mas também por tratar-se de uma publicação de caráter basilar.

Em contraste, a análise realizada com base nas palavras-chave (Figura 1, B) apresentou um padrão distinto. Os documentos se distribuíram de forma altamente concentrada em uma única região do espaço gráfico, independentemente do período de publicação. Isso indica que, embora os resumos revelem mudanças temáticas ao longo do tempo, as palavras-chave utilizadas mantêm-se relativamente estáveis. Tal uniformidade pode refletir tanto a consolidação de determinados conceitos na área quanto uma possível limitação na diversidade terminológica empregada pelos autores.

Figura 1 - Clusters de documentos a partir dos resumos e das palavras-chave, respectivamente

A – Clusters de documentos com base nos resumos



B – Clusters de documentos com base nas palavras-chave



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

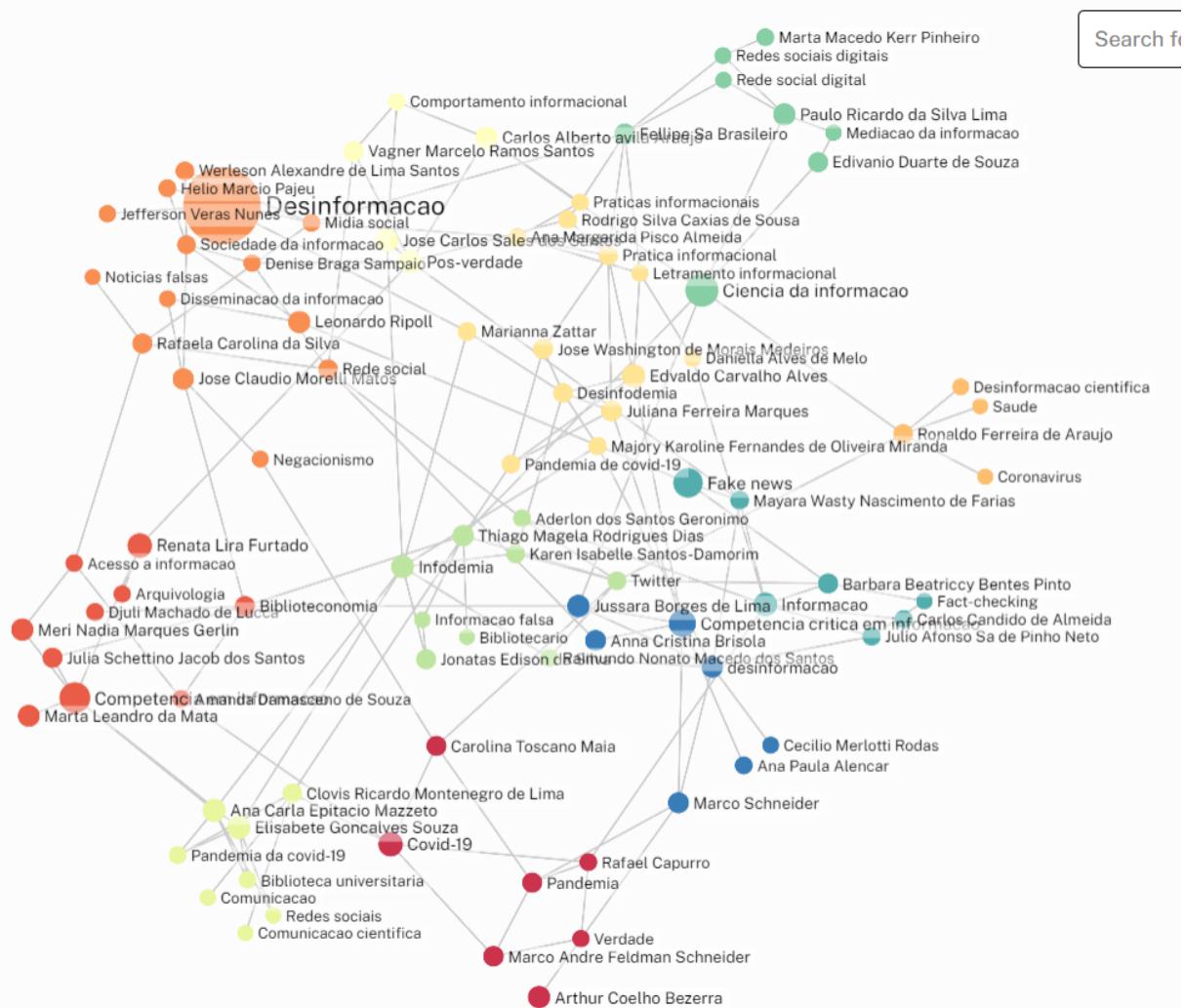
Por sua vez, a relação entre autores e palavras-chaves utilizadas é demonstrada na Figura 2. Neste caso pode ser percebido 10 clusters, que tratam de desinformação, relativamente interligados por laços quase iguais em força. Contudo percebe-se os temas que formam os clusters. O cluster amarelo claro gira em torno da pós-verdade. Logo abaixo dele, em um tom de amarelo um pouco mais forte, está o cluster que fala de desinfodemia, pandemia, letramento informacional e prática informacional, próximo a este está o cluster laranja claro com os temas desinformação científica, saúde e Coronavírus. O cluster amarelo limão, abaixo a esquerda, também trata da Pandemia, porém tem enfoque em bibliotecas e comunicação científica.

O cluster verde médio no alto traz foco nas redes sociais digitais, mediação da informação e sublinha a Ciência da Informação. Enquanto isso o cluster turquesa está preocupado fake news e *fact-checking* e o verde mais claro Infodemia, bibliotecários e informação falsa e o cluster vermelho escuro foca na verdade e na pandemia.

Por fim, o cluster vermelho mais claro adere à Arquivologia, Biblioteconomia, acesso à informação e competência em informação, enquanto o cluster azul escuro sublinha a competência crítica em informação e a desinformação em si.

A análise de conteúdo da amostra apontou a afiliação dos documentos a dimensões conceituais específicas, como demonstra a Tabela 4.

Figura 2 - Grafo das relações Temas/Autores, com os temas mais recorrentes



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Em itálico, o número de excertos relacionados a determinada dimensão conceitual. Percebe-se que o texto mais citado, Demo (2000⁸) ressoa três abordagens: contextual, proposital/teleológico e operacional/técnico. Pinheiro e Brito (2014), por sua vez, destacam as dimensões epistemológica, proposital, operacional e centradas nos efeitos. Destaque ao artigo de Brisola e Bezerra (2018), que aborda os cinco tipos de conceito ou descrição.

⁸ Em função da limitação de espaço, optou-se por citar os artigos analisados na Tabela 2 e não na lista de referências.

Tabela 4 - Documentos por dimensões conceituais

Tipo	Menções	Publicações
Operacional/ Técnico	53	Demo (2020; 4), Brisola; Bezerra (2018; 12), Ripoll; Matos (2017; 2), Pinheiro; Brito (2014; 12), Lima et. al. (2020; 1), Brito; Pinheiro; Pifano (2015; 1), Ferreira; Lima; Souza (2021; 1), Soares et al. (2021; 1), Masssarani et al. (2021; 2), Zattar (2020; 2), Bezerra; Capurro; Schneider (2017; 1), Araújo (2021; 1), Heller; Jacobi; Borges (2020; 5), Fernandes; Moreira (2021; 1), Fernandes; Montouori (2020; 2), Vignoli; Rabello; Almeida (2021; 2), Moura; Furtado; Belluzzo (2019; 3)
Centrado nos Efeitos	45	Brisola; Bezerra (2018; 2), Falcão; Souza (2021; 7), Ripoll; Matos (2017; 3), De Oliveira (2020; 1), Pinheiro; Brito (2014; 2), Lima et. al. (2020; 11), Brisola; Romeiro (2018; 2), Ferreira; Lima; Souza (2021; 2), Soares et al. (2021; 7), Araújo (2021; 2), Albuquerque (2021; 1), Moreira (2021; 2), Sala et al. (2020; 1), Fachin; Araújo; Sousa (2020; 1), Moura; Furtado; Belluzzo (2019; 1)
Proposital/ Teleológica	44	Demo (2020; 7), Brisola; Bezerra (2018; 9), Pinheiro; Brito (2014; 8), Brisola; Romeiro (2018; 6), Brito; Pinheiro (2015; 1), Zattar (2020; 1), Carvalho; Mateus (2018; 1), Heller; Jacobi; Borges (2020; 1), Fernandes; Montouori (2020; 4), Fachin; Araújo; Sousa (2020; 1), Vignoli; Rabello; Almeida (2021; 2), Moura; Furtado; Belluzzo (2019; 3)
Epistemológico	40	Brisola; Bezerra (2018; 3), Falcão; Souza (2021; 8), Ripoll; Matos (2017; 1), Zattar (2017; 9), De Oliveira (2020; 2), Pinheiro; Brito (2014; 12), Lima et al. (2020; 5)
Contextual	37	Demo (2000; 2), Brisola; Bezerra (2018; 9), Falcão; Souza (2021; 1), Ripoll; Matos (2017; 3), Zattar (2017; 2), De Oliveira (2020; 1), Brisola; Romeiro (2018; 5), Araújo; Oliveira (2020; 1), Masssarani et al. (2021; 3), Brito; Pinheiro; Pifano (2015; 1), Zattar (2020; 1), Carvalho; Mateus (2018; 2), Heller; Jacobi; Borges (2020; 3), De Oliveira (2018; 2), Moura; Furtado; Belluzzo (2019; 2)
Moral/Ético	11	Brisola; Bezerra (2018), Ferreira; Lima; Souza (2021), Brito; Pinheiro (2015), Zattar (2020), Carvalho; Mateus (2018), Heller; Jacobi; Borges (2020), Albuquerque (2021), Vignoli; Rabello; Almeida (2021)

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

4.1 OPERACIONAL

Perspectivas operacionais/técnicas da desinformação foram encontradas na amostra. Trata-se de artigos que se concentram nos processos que envolvem a desinformação, como, por exemplo, definições que a colocam como “vazamento proposital de informações enganosas” (Zattar, 2020, p. 5), ou como diluição de informações legítimas (Moreira, 2021). Demo (2000) destaca o atordoamento da sociedade pela produção de ignorância e inundação,

alimentadas pela apresentação tendenciosa de informação residual, a imposição do consumo da informação oficial ou o excesso de informação. O autor também trata da “lógica do advertising” com objetivo de manipular motivações, assim como alerta para estratégias de coerção.

Brisola e Bezerra (2018) advertem que a desinformação envolve diversidade de ações em um cenário demarcado por ataques à soberania nacional, envolvendo informação fora de contexto, fragmentada e manipulada. Propõem, ainda, alguns mecanismos de desinformação. Ripoll e Matos (2017) apontam um caráter narcísico e egocêntrico no compartilhamento da desinformação, porque as intenções de interação são maiores que os objetivos informacionais. Brito, Pinheiro e Pifano (2015) sublinham a informação manipulada, tendo como consequência a “imbecilização” de setores sociais.

Pinheiro e Brito (2014) apontam para falta de objetividade, completude e pluralismo como procedimentos que mutilam a informação. Araujo (2021) chama atenção para as sofisticadas técnicas de produção de mentiras que identificam grupos disseminadores e produtores de *fake news*: selecionar os melhores canais, articular as complementaridades dos discursos e identificar os opositores a serem neutralizados. Heller, Jacobi e Borges (2021), Brisola e Bezerra (2018), assim como Vignoli, Rabelo e Almeida (2021) ainda recorrem a Floridi (1996) afirmando que a desinformação surge ante um processo de informação defeituoso, sem objetividade, completude ou pluralismo.

Vignoli, Rabelo e Almeida (2021) propõem identificação e estudos a partir das seguintes características:

1. A desinformação como atividade governamental ou militar; 2. Serviços de notícias, que disseminam desinformação; 3. Desinformação planejada, com algum propósito; 4. Nem sempre a desinformação surge da organização ou do indivíduo que pretende enganar; 5. É normalmente escrita ou verbal, mas também pode estar contida ou constituir imagens (fotografias adulteradas); 6. É distribuída de forma descontrolada por qualquer pessoa que tenha, por

exemplo, assinatura em um jornal, TV ou com acesso à internet. (Vignoli, Rabello, Almeida 2021, p. 9-10).

Lima et al. (2020), Zattar (2020), Massarani e autores (2021), bem como Soares, Recuero e Volcan (2021) recorrem a Wardle (2017; 2019) e incluem no espectro da desordem informacional sátira e paródias; conteúdos falsos que ressaltam ou desqualificam enquadramentos ou argumentos; conexões falsas; contextos falsos; conteúdo impostor; conteúdo manipulado e conteúdo fabricado. Heller, Jacobi e Borges (2021), com a mesma referência, consideram também a importância do agente (e sua intencionalidade), mensagem e intérprete. Recuero e Volcan (2021) ainda destacam as três categorias de Brennem et. al.: sátiras e paródias, conteúdo reconfigurado (conteúdo enganoso, contexto falso e conteúdo manipulado) e conteúdo fabricado (conteúdo impostor e informação fabricada). Zattar (2020) recorre a Volkoff (2004) para falar sobre o vazamento intencional de informações enganosas.

4.2 CENTRADO NOS EFEITOS

As proposições centradas nos efeitos compreendem a desinformação a partir de seus impactos diretos nas estruturas sociais, sobretudo nos comportamentos e nas emoções das pessoas. Recorrente em parte significativa dos artigos analisados (45), essa perspectiva trata a desinformação como uma ameaça central à democracia, à estabilidade institucional e à saúde pública, principalmente ao discutir contextos de crise, como a pandemia de Covid-19. Autores como Falcão e Souza (2021) associam o consumo de desinformação a reações como pânico, ansiedade e comportamentos negacionistas. Assim, ela é apontada como prejudicial (Brisola; Bezerra, 2018), como um vírus (Moreira, 2021), como “tão maléfica como a própria doença” (Sala et al., 2020).

Autores que discutem a desinformação sob tal viés também conectam seus efeitos a estratégias de dominação. No entendimento de Pinheiro e Brito (2014, p. 4), desinformação é a “ausência de informação e o ruído informacional, ao mesmo tempo em que faz às vezes de dar sentido à informação manipulada para as amplas massas com o papel de manter sua alienação”. Na mesma direção, os estudos de Soares et. al. (2021), discutem que a desinformação deve ser compreendida como um fenômeno que atua diretamente no comportamento e na cognição, gerando confusão e comprometendo a autonomia informacional dos sujeitos.

4.3 PROPOSITAL

O propósito da desinformação também é apontado em diversos conceitos, centrados nos objetivos pelos quais se desinforma. São as elites, os donos dos meios de comunicação que buscam perpetuar sua dominação (Pinheiro; Brito, 2014), são motivações financeiras, políticas, sociais e psicológicas (Heller; Jacobi; Borges, 2020). Conceitos que enfocam o propósito fundamentam-se na intencionalidade de enganar. Em tal perspectiva, a desinformação é intencional e busca produzir efeitos sociais, políticos e econômicos.

Brisola e Bezerra (2018) destacam que a desinformação é vantajosa para grupos sociais específicos, tendo por objetivo confundir, apagar a realidade, distorcer ou rotular. Pinheiro e Brito (2014), por sua vez, já falavam na oferta de produtos informacionais de baixa qualidade, que resultariam na imbecilização de quem os consome. Falam, inclusive, da emergência de uma sociedade da desinformação, que resulta não somente da informação equivocada, mas da plethora de informações na contemporaneidade. Brisola e Romeiro (2018) destacam a desinformação como uma ferramenta para a adesão ao pensamento

das classes dominantes. Fachin, Araújo e Souza (2020) conceituam desinformação por sua intenção de enganar, o que é corroborado por Moura, Furtado e Belluzzo (2019), Zattar (2020), bem como Vignoli, Rabelo e Almeida (2021).

4.4 EPISTEMOLÓGICO

Na perspectiva epistemológica, encontradas na amostra, a maioria dos autores faz uma distinção clara entre desinformação e fake news. Falcão e Souza (2021) distinguem claramente desinformação de fake news, demonstrando como as notícias falsas foram utilizadas ao longo da história em jornais, política e outras comunicações de massa. Contudo, voltam à controvérsia, sublinhando o compromisso jornalístico com a verdade e apontando que “a própria noção de notícia já traz consigo a exigência de verdade dos fatos”. A afirmação é verdadeira e, a intenção dos autores é a cobrança e avaliação crítica das informações, contudo vale ressaltar, como demonstram que a história tem mostrado que os meios também manipulam, como denunciam Chomsky (2014) e Serrano (2010).

Outros consensos são que desinformação não é um fenômeno novo, advém de projetos comunicacionais militares e de guerra e é intencional. Zattar (2017), De Oliveira (2020), Lima et al. (2020) e Pinheiro e Brito (2014) utilizam a categorização de *Disinformation* (proposital), *Misinformation* (não intencional) e *Malinformation* (vazamento de informações privadas com intenção dolosa) utilizada, contudo Oliveira (2020) considera que nos três casos há intenção para o engano.

A respeito de categorizar a desinformação como sempre falsa, não há consenso. Autores como (Brisola e Bezerra, 2018; Falcão e Souza, 2021; Ripoll e Matos, 2017 e Pinheiro e Brito, 2014) consideram que desinformação também

pode conter partes da verdade. Pinheiro e Brito (2014) consideram que desinformação também é informação propositalmente incompleta com propósito de enganar e citam Karlova e Fisher (2013, online) que afirma que “misinformation pode ser falsa, e que disinformation pode ser verdadeira”. Os autores ainda apontam que a desinformação “pode ou não ser verdadeira, completa e corrente, devendo ser informativa, e, fundamentalmente, com o propósito de enganar” (Pinheiro; Brito, 2014, p. 5).

Brisola e Bezerra (2018), assim como Pinheiro e Brito (2014) denunciam que a desinformação se espalhou para os meios de comunicação e aparelhos privados e estatais, constrói um cenário intencionalmente determinado e, além disso, é utilizada para alienar e manipular as massas. Os dois textos atentam para o uso da desinformação para a manutenção do status quo. Pinheiro e Brito (2014) afirmam que a desinformação está relacionada “ao fornecimento de produtos informacionais de baixo nível cultural, cuja consequência direta seria a “imbecilização” de setores sociais” e está associada aos níveis cognitivos e à carga de conhecimentos gerais, o que Brisola e Bezerra (2018) consideram ao propor a CCI como possibilidade de resistência.

Os dois textos estão preocupados em definir melhor o conceito. Em Pinheiro e Brito, usando citação,

Desinformar seria em consequência (através da manipulação de informações de forma voluntária, inequívoca e intencional), o resultado desejado de um processo que emprega truques específicos sejam semânticos, técnicos, psicológicos; para enganar, desinformar, influir, persuadir ou controlar um objecto, geralmente com a fim de obter benefícios próprios ou para outros (Rodriguez, 2011 apud Pinheiro; Brito, 2014, p. 4).

Destacando também seus mecanismos, para Brisola e Bezerra (2018, p. 3319):

Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade,

distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade.

Zattar (2017) considera que desinformação é informação, contudo enganosa, proposital ou accidentalmente. De Oliveira (2020) afirma que desinformação é um mecanismo de perturbação da ordem democrática, o que não concorda diretamente com a ideia de manipulação das massas e manutenção do status quo. Pinheiro e Brito (2014) consideram informação e desinformação como objetos complementares de estudo da Ciência da Informação e recordam outro sentido de desinformação como estado de ignorância, ausência de informação e de competência em informação. Ainda incluem o conceito de decepção como “um conjunto de instrumentos tais como a negação de acesso à informação, o ruído informacional, a informação parcial e a própria desinformação, utilizados de maneira orquestrada com o objetivo de ludibriar um alvo” (Pinheiro; Brito, 2014, p. 4).

A análise desenvolvida permite observar que o conceito de desinformação foi ampliado e/ou redefinido em contextos específicos, a saber: o debate sobre as *fake news* e a pandemia de Covid-19. As pesquisas de Demo (2000) e Pinheiro e Brito (2014) destacam outras dimensões da desinformação, nem sempre consideradas em pesquisas posteriores. Pinheiro e Brito (2014) apontam que uma das acepções possíveis da desinformação é a ausência de informação, perspectiva pouco discutida posteriormente. Ademais, observa-se que os artigos analisados pouco falam das políticas das plataformas e suas implicações na produção, na distribuição, no consumo e na refutação de conteúdos falsos.

Buscando textos mais recentes com aderência aos temas epistemológicos aqui postos, trazemos algumas contribuições: Araújo et. tal. (2023), embora não distingam um conceito de desinformação, descrevendo projetos, demonstram que existem falhas na percepção e atribuição de confiabilidade das fontes, valor

e relevância das informações e fazem alusão à baixa qualidade das informações. Consideram proposições como Coinfo, CCI, checagem e legislação como possibilidades de combate à desinformação. Apontam a responsabilidade das grandes corporações midiáticas e a lucratividade da desinformação, bem como sua ligação com as instituições e com as estruturas sociais em que vivemos. Sublinham a necessidade de “Reconhecer os distintos tipos de desinformação e suas especificidades”. Consideram a distinção entre Dis, Mis e Malinformation, contudo ponderam que a desinformação possui outros motivos além de causar prejuízo a outrem. Propõem que se busque “identificar as suas causas materiais (sua base concreta), formais (a forma como ela se estrutura), eficientes (a agência que a produz) e finais (os seus motivos últimos), guardando semelhança com as dimensões consideradas nesta pesquisa.

Cruz e autores (2023) analisam 15 conceitos de desinformação utilizados na Ciência da Informação e ponderam incongruência ao tratar desinformação como uma informação. Para os autores, os conteúdos da desinformação são manipulados, distorcidos, enganosos com o intuito de ocasionar controvérsias e consideram que são ações coordenadas e estratégicas para indução ao erro. Desta maneira consideram desinformação antagônica à informação e indicam o uso de conteúdo em lugar de informação ao se tratar de desinformação.

Em seu livro “A era da Desinformação” Schneider recorre a Brito e Pinheiro (2015) para iniciar a conceituação de desinformação e corrobora com outros autores a ideia de manipulação, distorção, intenção, produção da ignorância, falta de informação e evoca que “Froehlich [2017] também destaca a noção de desinformação verdadeira, que consiste no uso de informações precisas para enganar intencionalmente” (Schneider, 2022, p. 75). Na mesma trilha aqui descrita o autor distingue fake news de desinformação e Misinformation,

Disinformation, Malinformation e Deception, mas considera que a primeira fortalece a segunda, sendo também nociva. Para o autor o afrouxamento moral e ético da sociedade e a construção social capitalista promove a desinformação. Também considera Coinfo, CCI e educação caminhos para mitigar a desinformação.

4.5 CONTEXTUAL

Este tipo de abordagem explica a desinformação pelo contexto atual, em relações de causalidade e/ou correlação. É resultado de um contexto cultural de disputa de sentidos (Massarani et al., 2021), da ausência de informação (Pinheiro; Brito, 2014), da perda do senso crítico (Oliveira, 2018), é estratégia criada em contextos de guerra e disputas geopolíticas (Zattar, 2020).

Fernandes e Montouori conferem ao surgimento das redes sociais a proporção acentuada da desinformação e consideram que desinformação pode ser ausência de informação, informação manipulada e engano proposital. Brito e Pinheiro (2015), assim como Brisola e Bezerra (2018), lembram que a desinformação tem vínculo com os projetos militares de espionagem e contrainformação, mas extrapolam para os meios de comunicação e para os aparelhos estatais e privados. Zattar (2017) afirma que a desinformação sempre existiu, o que é demonstrado também por Brisola (2021).

Demo (2000) considera que o contexto é imbecilizante em função das distorções desinformativas mas, também, pela futilidade das mídias. O autor julga que existe uma distinção de qualidade da informação que acompanha a divisão de classes. Ripoll e Mattos (2017) chamam esse fenômeno de zumbificação, que contribui com a disseminação e consumo acrítico e sem checagem de informação falsa ou distorcida. Sublinham que a leitura e

interpretação perderam sua criticidade gerando uma mecanização do comportamento informacional, o que é corroborado por Oliveira (2018).

Brito e Pinheiro (2015) consideram que a ausência de informação relevante para o indivíduo também colabora com a desinformação e Carvalho e Mateus (2018) apontam a relação entre o analfabetismo funcional e a desinformação. Brisola e Bezerra (2018) afirmam que os meios de comunicação e informação estão sujeitos aos poderes hegemônicos, que metódicamente vêm utilizando artifícios da desinformação para conformar as massas. Massarani e colegas (2021) destacam que a desinformação é fruto de práticas sociais em um cenário de disputas de sentido. Pinheiro e Brito (2014), por sua vez, afirmam que a exclusão informacional e tecnológica colabora com a desinformação.

Brisola e Romeiro (2018) concordam e acrescentam que os meios de comunicação hegemônicos habituaram os cidadãos com informações mastigadas e esse misto de informação e desinformação, assim, acostumados com este tipo de informações habituais tornam-se refratário às informações científicas. Massarani e autores (2021) lembram que quando as crenças não são compatíveis com as evidências científicas, a ciência é refutada a partir de ideologias particulares e a desinformação se dissemina. Na polarização esse fenômeno é agravado e o negacionismo se acirra. Zattar (2017) acrescenta que a desinformação tende a ser mais restrita no contexto das informações científicas e Araujo e Oliveira destacam que a desinformação relacionada à ciência passou a ser mais debatida, principalmente durante a pandemia de Covid-19.

O gosto informacional está atrelado a esta construção dos hábitos e é alimentado pela necessidade de informação, contudo abre espaço para informação distorcida, falsa e manipulada, principalmente quando envolvem as emoções. A desinformação é desenvolvida para aderir às expectativas das

pessoas, por outro lado, a verdade nem sempre agrada ou atende estas expectativas (Brisola; Romeiro, 2018). Carvalho e Mateus (2018) citam Baudrillard (1992) a respeito de uma indiferença fatal provocada pelo excesso.

A manipulação através das emoções contribui para um ambiente polarizado revestido de sentimentos negativos que alimentam a desinformação, justificado pela contribuição com seu “lado” ideológico, fortalecido e facilitado pelas bolhas, algoritmos e monetização das redes digitais (Brisola; Bezerra, 2018 e Brisola; Romeiro, 2018).

Como sintetizam Moura, Furtado e Belluzzo (2019, p. 39)

a propagação da desinformação é sintoma de um conjunto de fenômenos que afetam as sociedades que enfrentam rápidas mudanças, tais como: a insegurança econômica, o aumento do extremismo e as mudanças culturais que, por sua vez, geram ansiedade e proporcionam um terreno fértil para campanhas de desinformação que fomentam tensões sociais, polarização e desconfiança.

4.6 PERSPECTIVA MORAL/ÉTICA

Existem explicações éticas/morais para a desinformação. Quando engana pela defesa de narrativas (Vignoli et al., 2021) e por ser uma realidade socialmente construída (Albuquerque, 2020), que busca enganar (Zattar, 2020). É a abordagem menos discutida nos textos e é tratada de maneira superficial. Aparece, principalmente, relacionada à intencionalidade de enganar (Brito; Pinheiro, 2015, Zattar, 2020, Heller; Jocbi; Borges, 2020, Vignolli et al., 2021).

Brisola e Bezerra (2018) e Albuquerque (2021) se aproximam na compreensão de desinformação como fenômeno socialmente construído visando ganhos econômicos, para objetivos políticos ou ideológicos. Apenas Brisola e Bezerra (2018) sublinham a questão da verdade, ou melhor, partes dela. Já Carvalho e Mateus (2018) levantam a questão de que não se pode culpar as novas tecnologias e redes sociais, porque a desinformação sempre existiu.

Alguns autores tratam a desinformação como um fenômeno decorrente da atualidade, outros (Demo, 2015, Brisola e Bezerra, 2018) chamam atenção para o fato de a desinformação não ser algo novo, mas sim, exacerbado em função das novas tecnologias e redes sociais.

5 CONSIDERAÇÕES

Compreender o que é a desinformação é essencial para a definição de estratégias e políticas públicas para seu efetivo enfrentamento e combate. A análise de propostas legislativas e ações desenvolvidas pelo governo e pela sociedade civil refletem concepções distintas, o que permite que a pauta seja sequestrada politicamente e limita a efetividade dessas políticas. Neste sentido, a pesquisa apresentada buscou compreender como a desinformação é conceituada em publicações da Ciência da Informação, recuperadas da Brapci a fim de mitigar essa brecha. Os documentos mais citados foram analisados manualmente, a fim de se categorizar os conceitos nas dimensões apresentadas por Brisola (2021).

A análise demonstrou a existência de clusters temáticos, assim como permitiu identificar os principais autores e palavras-chaves utilizadas. Também demonstrou que a maior parte das publicações apresenta conceitos operacionais/técnicos de desinformação, assim como definições centradas nos supostos efeitos e nos objetivos da desinformação. Perspectivas que enquadram a desinformação em uma dimensão moral foram aquelas com menor número de menções.

Vale apontar, que a compreensão do que é desinformação se soma considerando o ano de publicação do documento. Algumas perspectivas mais antigas consideram a desinformação apenas como ausência de informação,

outras estão centradas na intencionalidade de enganar. Os resultados apontam que a compreensão do conceito está ligada ao contexto social, político, econômico e tecnológico, de forma que iniciativas para combate à desinformação devem partir de um adequado diagnóstico das condições de produção, circulação e consumo da informação. Sendo importante a distinção de seus métodos, contextos e brechas para dirimi-la.

A revisão desenvolvida aponta para a importância de alguns debates, que devem preceder e fundamentar a compreensão do que é a desinformação, seus processos e efeitos. Não basta apenas discutir a plataformização, mas também é importante ter em debate questões como objetividade, verdade, assim como a própria definição de informação e informação de qualidade. A adoção de categorias como *misinformation*, *disinformation* e *mal-information*, por exemplo, apontam para a necessidade de uma análise centrada nas características da desinformação no Brasil, assim como a compreensão das características locais da plataformização e sua relação com a disseminação de conteúdo falso ou não.

Importa, nesta tarefa, o cuidado para que as análises não sejam mera fotografia de um contexto específico ou das consequências de determinada tecnologia, mas possam se aprofundar no custoso debate entre verdade e objetividade. Percebe-se que a desinformação é enfrentada, nos documentos analisados, como atividade intencional com efeitos negativos, que busca manter os interesses das elites ou atacar grupos sociais específicos. Embora tal perspectiva seja certeira, não é suficiente para compreender os meandros e os mecanismos da desinformação em nosso contexto.

Além disso, importa afastar perspectivas moralizantes do debate, aproximando-se mais da ética no sentido mais comprometido do termo, além de adotar uma agenda de pesquisa que entenda por que motivos se consome

conteúdo falso, para além das afetividades. Outros aportes teóricos e metodológicos são necessários (e bem-vindos), como a literatura sobre os *media effects* – como usos e gratificações da mídia, two-step flow, agenda-setting –, as sociologias pragmáticas, algoritmização, dentre outros recursos que podem auxiliar a compreensão da desinformação – em seus distintos contextos.

REFERÊNCIAS

- ALCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.
- ALKHATERI, Shaikha Mohammed Ali Bin Helal *et al.* Attitudes towards Fake News: A Systematic Literature Review. **Webology**, [S.l.], v. 18, p. 368-376, 2021.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila *et al.* Dinâmicas da Desinformação: investigando os diferentes níveis do fenômeno. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 23., 2023, Sergipe. **Anais** do XXIII ENANCIB. Sergipe: UFS, 2023.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Inquérito. **Inq 4828/DF**. Relator: Ministro Alexandre de Moraes. Autor: Ministério Público Federal; sob sigilo. Procuradores: Procuradoria-Geral da República; sob sigilo. 2020-atual. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=5895367>. Acesso em 23 jan. 2023.
- BRISOLA, Anna Cristina. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas**. 2021. 295 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Ibiti / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.
- BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.
- BUDAK, Ceren *et al.* Misunderstanding the harms of online misinformation. **Nature**, [S.l.], 2024.

BURRELL, Jenna. The materiality of rumor. In: LEONARDI, Paul M.; NARDIE, Bonnie A.; KALLINIKOS, Jannis (Orgs.). **Materiality and organizing**; social interaction in a technological world. Oxford University Press, 2012.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.

CRUZ, Henry Poncio; SILVA, Michel Batista; PINTO, Bárbara Beatriccy Bentes. Informação E Desinformação: uma análise conceitual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 23., 2023, Sergipe. **Anais** do XXIII ENANCIB. Sergipe: UFS, 2023.

HOES, Emma et al. Prominent misinformation interventions reduce misperceptions but increase scepticism. **Nature Human Behavior**, [S.l.], v. 8, p. 1545-1553, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41562-024-01884-x>

JANG, S. Mo; KIM, Joon K. Third-person effects of fake news: fake news regulation and media literacy interventions. **Computers in human behavior**, [S.l.], v. 80, p. 295-302, mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.11.034>

LEE, Kate Sangwon; WEI, Huixin. Design factors of ethics and responsibility in social media: a systematic review of literature and expert review of guiding principles. **Journal of Media Ethics**, [S.l.], v. 37, n. 3, p. 156-178, 2022. DOI: [10.1080/23736992.2022.2107524](https://doi.org/10.1080/23736992.2022.2107524)

LEMOS, André; BITENCOURT, Elias; SANTOS, João Guilherme Bastos dos. Fake news as fake politics: the digital materialities of YouTube misinformation videos about Brazilian oil spill catastrophe. **Media, Culture & Society**, [S.l.], v. 43, n. 3, p. 886-905, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0163443720977301>

LEMOS, André; OLIVEIRA, Frederico. Fake news e cadeias de referência: a desinformação sobre Covid-19 e o projeto de verificação do Facebook. **Fronteiras: estudos midiáticos**, [S.l.], v. 23, n. 2, p. 73-88, maio.-ago. 2021.

LEMOS, André; OLIVEIRA, Frederico. Fake news no WhatsApp: um estudo da percepção dos efeitos em terceiros. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 42, n. 1, p. 193-227, 2020.

MIRÓ-LLINARES, Fernando; AGUERRRI, Jesús C. Misinformation about fake news: A systematic critical review of empirical studies on the phenomenon and its status as a 'threat'. **European Journal of Criminology**, [S.l.], Online First, p. 1-12, 15 de abril de 2021.

MURPHY, Gillian et al. False memories for fake news during Ireland's abortion referendum. **Psychological Science**, [S.l.], v. 30, n. 10, p. 1449-1459, 2019.

OLIVEIRA, Frederico. **As fake news e a produção jornalística de referências**. 2023. 386f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023

RACHMANIAN, Emad. Fake news: a classification proposal and a future research agenda. **Spanish Journal of Marketing**, [S.l.], 10 out. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **De onde vem o poder da mentira?**. Barueri, SP: Estação das Letras, 2021.

SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake News e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

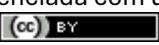
TANDOC, Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “Fake News”: a tipology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017.

WANG, Yuxi et al. Systematic Literature Review on the Spread of Health-related Misinformation on Social Media. **Social Science & Medicine**, [S.l.], v. 240, p. 1-12, 2019.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Módulo 2: Reflexão sobre a “desordem de informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má-information. In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (Eds.). **Jornalismo, fake news e desinformação**. Paris: UNESCO, 2019.

ZANNETTOU, Savvas et al. The web of false information: rumors, fake news, hoaxes, clickbait, and various other shenanigans. **ACM Journal of Data and Information Quality**, [S.l.], v. 11, n. 3, art. 10, p. 1-37, 2019.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional. 



 tpbci@ancib.org

 [@anciboficial](https://twitter.com/anciboficial)